

4/5/98 A-8
90

Floresta amazônica tem “estresse hídrico”

Bióloga mostra que, apesar de verde, a mata da região ressenete-se das agressões ao ambiente

CARLOS MENDES

BELÉM – A bióloga mineira Adriana Moreira, presidente do Instituto de Pesquisa Ambiental da Amazônia (Ipam), afirmou ontem em Belém (PA) que cerca de 2,7 milhões de quilômetros quadrados da Floresta Amazônica estão secando.

Isso ocorre porque as queimadas começam a atingir áreas de mata fechada, que funcionam como uma espécie de barreira úmida contra o fogo.

A área atingida representa 60% de toda a região e inclui o

Estado do Pará, que, segundo Adriana, deve enfrentar em 1998 uma das piores secas dos últimos tempos.

Adriana, que promoveu uma discussão com pesquisadores e técnicos do Ipam em busca de soluções, afirmou que as queimadas e a seca estão “retirando a umidade do solo, diminuindo a quantidade de chuvas e obrigando as plantas a buscar água nas raízes do subsolo”. Ela acentua que o fato de a floresta sempre parecer verde não esconde a necessidade que as árvores têm de absorver mais água diante da agressão que vêm sofrendo.

A falta de água no solo amazônico, garante a bióloga, está fazendo a floresta padecer de “estresse hídrico”. A resposta a esse estresse revela-se no aumento da queda de folhas das árvores e – pela ação exploratória madeireira – no aumento do buraco na copa das árvores, permitindo que a luz do sol alcance o solo.

“A massa de folhas e galhos, geralmente úmida, transforma-se e fica seca, acabando por virar material combustível. Basta uma queimada escapar da área agrícola e invadir a floresta para termos um incêndio de grandes proporções”, diz Adriana.

ÁREA
ATINGIDA
INCLUI ESTADO
DO PARÁ